



Aos irmãos e irmãs dos movimentos e organizações populares.

Queridos amigos,

Com frequência, relembro nossos encontros: dois no Vaticano e um em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, e lhes confesso que esta “memória” me faz bem, me aproxima de vocês, me faz recordar tantos diálogos que tivemos durante esses encontros, e tantas esperanças que nasceram e cresceram ali, e muitas delas se tornaram realidade. Agora, em meio a esta pandemia, volto a recordá-los de maneira especial e quero estar próximo.

Nestes dias de tanta angústia e dificuldade, muitos se referiram à pandemia que sofremos com metáforas bélicas. Se a luta contra a covid-19 é uma guerra, vocês são um verdadeiro exército invisível lutando nas perigosas trincheiras. Um exército que conta apenas com as armas da solidariedade, da esperança e do sentido de comunidade que renasce nestes dias nos quais ninguém se salva sozinho. Vocês são, para mim, como lhes disse em nossos encontros, verdadeiros poetas sociais que, a partir das periferias esquecidas, criam soluções dignas para os problemas mais urgentes dos excluídos.

Sei que muitas vezes vocês não são reconhecidos como deveriam, porque, para este sistema, são verdadeiramente invisíveis. As soluções do mercado não chegam às periferias e diminuem a presença protetora do Estado. Tampouco vocês têm recursos para realizar suas funções. Vocês são vistos com desconfiança por superar a mera filantropia através da organização comunitária ou por reivindicar seus direitos ao invés de ficarem resignados, esperando para ver se cai alguma migalha daqueles que detêm o poder econômico. Muitas vezes, amargam a raiva e a impotência ao ver que as desigualdades persistem, inclusive nos momentos em que se acabam todas as desculpas utilizadas para sustentar privilégios. No entanto, não se encerram em suas queixas: arregaçam as mangas e continuam trabalhando pelas suas famílias, bairros e bem comum. Esta atitude me ajuda, me faz questionar e me ensina muito.

Penso nas pessoas, sobretudo nas mulheres, que multiplicam o pão nos restaurantes comunitários, cozinhando com duas cebolas e um pacote de arroz um delicioso refogado para centenas de crianças; penso nos doentes, penso nos idosos. Nunca aparecem nos grandes meios de comunicação. Tampouco aparecem os camponeses e agricultores familiares que seguem lavrando para produzir alimentos saudáveis sem destruir a natureza, sem monopolizar ou negociar com a necessidade do povo. Quero que vocês saibam que nosso Pai Celestial olha por vocês, os valoriza, reconhece e os fortalece em sua escolha.

Como é difícil ficar em casa para aquele que vive em uma casa pequena, precária, ou que diretamente carece de um teto. Como é difícil para os migrantes, para as pessoas privadas de liberdade ou aqueles que estão em tratamento dos vícios. Vocês estão com eles, ombro a ombro, para tornar as coisas menos difíceis, menos dolorosas. Parabênz-os e agradeço-lhes de coração.

Espero que os governos compreendam que os paradigmas tecnocráticos (sejam estadocêntricos, sejam mercadocêntricos) não são suficientes para abordar esta crise nem os outros grandes problemas da humanidade. Agora, mais do que nunca, são as pessoas, as comunidades, os povos que devem estar no centro, unidos para curar, cuidar e compartilhar.

Sei que vocês foram excluídos dos benefícios da globalização. Não gozam desses prazeres superficiais que anestesiam tantas consciências. Apesar disso, sempre sofrem os prejuízos. Os males que afligem a todos, atinge-os em dobro. Muitos de vocês vivem o dia a dia sem nenhum tipo de garantias legais que os protejam. Os vendedores ambulantes, os feirantes, os pequenos agricultores, construtores, costureiros, aqueles que realizam diversas tarefas de cuidado. Vocês, trabalhadores informais, autônomos ou da economia popular, não têm um salário estável para resistir neste momento... e as quarentenas se tornam insuportáveis.

Talvez seja o tempo de pensar em um salário universal que reconheça e dignifique as nobres e insubstituíveis tarefas que realizam; capaz de garantir e tornar realidade este lema tão humano e tão cristão: nenhum trabalhador sem direitos.

Também gostaria de convidá-los a pensar no “depois”, porque esta tormenta terminará e suas graves consequências já são sentidas. Vocês não são uns improvisadores, têm a cultura, a metodologia e, principalmente, a sabedoria que se mistura com a levedura de sentir a dor do outro como própria. Quero que pensemos no projeto de desenvolvimento humano integral que almejamos, centrado no protagonismo dos Povos em toda a sua diversidade e o acesso universal a esses três T que vocês defendem: terra, teto e trabalho. Espero que este momento de perigo nos tire do piloto automático, agite nossas consciências adormecidas e permita uma transformação humanista e ecológica que coloque fim à idolatria do dinheiro e coloque a dignidade e a vida no centro. Nossa civilização, tão competitiva e individualista, com seus ritmos frenéticos de produção e consumo, seus luxos excessivos e lucros desmedidos para poucos, precisa reduzir a marcha, se repensar e se regenerar.

Vocês são os construtores indispensáveis desta mudança; aliás, vocês contam com uma voz autorizada para testemunhar que isso é possível. Vocês entendem de crises e privações...que, com modéstia, dignidade, esforço e solidariedade, conseguem transformar em promessa de vida para suas famílias e comunidades.

Continuem a luta e se cuidem como irmãos. Rezo por vocês, rezo com vocês, e pedirei ao nosso Deus Pai que os abençoe, cubra-os de amor e os defenda no caminho, oferecendo essa força que nos mantêm de pé e não decepciona: a esperança. Por favor, rezem por mim, que também necessito.

Fraternalmente,

*Franciscus*

Cidade do Vaticano, 12 de abril de 2020, Domingo de Páscoa.